

# “Sociedade sacraliza mais os shoppings e os *reallity shows* do que as igrejas”

Jacinto Silva Duro

jacinto.duro@jornaldeleiria.pt

**É o pudor que dita que um símbolo da cultura popular, como o falo das Caldas, seja alvo de uma queixa na PSP e que obras clássicas sejam censuradas em redes sociais, numa época de partilha global de conhecimento?**

O pudor é uma questão sociocultural e, como tal, precisamos de contextualizar o tema no contexto particular de cada país e de cada período histórico. A noção de “pudor” só começou a adquirir sentido nas sociedades ocidentais à medida que o chamado “processo civilizacional” se foi desenvolvendo, que ocorreu na Europa em paralelo com a “secularização” do poder e suas fontes de legitimação. A questão relaciona-se com dois aspectos intimamente associados: um deles é o papel da Igreja Católica e a sua influência na marcação de fronteiras entre a dimensão espiritual e carnal do amor e da vida em geral. Desde Santo Agostinho e São Tomás de Aquino que os primeiros escritos do cristianismo começaram essa ancestral separação de águas entre sagrado/profano, o Espírito/corpo, pureza/promiscuidade. Com a leitura agostiniana do Paraíso, o pecado original passa a ser relacionado à impureza e à pulsão sexual.

**O espírito significa o bem enquanto o corpo simboliza o mal?**

O corpo é depositário da fraqueza humana e sexo. A virilidade é sinónimo de brutalidade e animalidade. No Homem, o espírito é Humanidade enquanto o sexo é animalesco e transporta as marcas do pecado original. Do ponto de vista da moral dominante, inspirada no cristianismo, o corpo passou a ser visto como algo inferior, sinónimo de pecado, de desprezo, que deve ser dominado pelo espírito. É a tentação através do corpo que corrompe o espírito. Por isso, a penitência e a ascese infligida sobre o corpo destinam-se a purificar, fortalecer e prevenir tentações futuras. Esta foi, durante séculos a mensagem veiculada pela Igreja e assimilada pela moral dominante e os poderes oficiais. Nesse contexto inscreve-se também a divisão público/privado. O conceito de “pudor” foi-se generalizando à medida que a civilização ocidental, marcada pela influência da Igreja, foi acentuando as conotações positivas e a ideia de “salvação” e “pureza” com a fé e a espiritualidade, ao mesmo tempo que o lado corporal adquiria conotações negativas, ligada ao profano e ao sacrilégio.

**Os cartoons humorísticos e políticos, do final do século XIX e início do XX, de autores como Bordalo Pinheiro,**



## Em destaque

“O pudor ou a rejeição de objectos estéticos de conotação sexual, na esfera pública, convivem, por vezes, com as mais abjetas práticas de promiscuidade, podendo até esconder crimes e escândalos sexuais”

**eram extremamente sarcásticos e roçavam a indelicadeza para com figuras como o rei. Porém eram publicados, sem grandes consequências, na imprensa nacional generalista...**

Não por acaso, esse período coincidiu com o declínio do “anciê regime” e também com a ascensão do republicanismo que, no caso português, se virou contra os velhos privilégios da Igreja Católica, ao mesmo tempo que abriram espaço a um discurso crítico, por vezes extremamente corrosivo para a moral católica, como foi o caso dos desenhos de Rafael Bordalo Pinheiro - seja o Zé Povinho ou os símbolos fálicos das Caldas da Rainha. A sátira e a caricatura sempre foram armas dirigidas ao poder convencional, inclusive o poder da Igreja. De um lado, o Carnaval simboliza a festa pagã que fecha um ciclo agrícola, com a exaltação do corpo, antes da Quaresma. Enquanto, de outro lado, esta última, abre um ciclo de contenção e austeridade - exaltando o espiritual -, como forma de redenção de pecados anteriores.

**A quase ausência deste tipo de discurso imagético na actualidade, nos órgãos de comunicação nacionais, deve-se ao pudor ou a uma forma velada de censura?**

A questão do “pudor”, se contextualizada nas condições de vida de hoje, na era da Internet, do poder mediático e das redes virtuais, tem de ser analisada à luz de uma sociedade de consumo que passou a “sacralizar” mais as catedrais do consumo - shoppings - e os *reallity shows* do que as igrejas. A cobertura das estátuas de Roma aquando da visita do presidente do Irão, os atentados ao Charlie Hebdo e os mais recentes problemas ligados ao terrorismo e a islamofobia, embora continuando a opor discursos e concepções antagónicas em relação à exposição do corpo, da nudez e do sexo, constituem fenómenos onde se misturam o alegado “pudor” com manipulações ideológicas de diferentes matizes. A brejeirice popular caminha muitas vezes lado a lado com uma crença de circunstância, enquanto a moral “beática”, o pudor ou a rejeição de objectos estéticos de conotação sexual, na esfera pública, convivem, por vezes, com as mais abjetas práticas de promiscuidade, podendo até esconder crimes e escândalos sexuais - pedofilia é um exemplo - como se verificou recentemente nas estruturas da Igreja. E não duvido que tais práticas não são exclusivas da Igreja Católica.